



---

**MEMÓRIAS DE VELHOS NOS CONTOS *ELEGÍADA* DE OSMAN  
LINS E A *TORMENTA* DE VERA RANDAZZO**

\*\*\*

**MEMORIES OF THE OLD IN SHORT STORY *ELEGÍADA* OF  
OSMAN LINS AND A *TORMENTA* OF VERA RANDAZZO**

Maria Madalena da Silva Dias <sup>1</sup>

**Recebimento do texto:** 27/08/2016

**Data de aceite:** 10/09/2016

**RESUMO:** Este artigo aventura-se em apresentar o resultado de um conciso estudo das memórias dos protagonistas, na fase da velhice, nos contos *Elegíada*, de Osman Lins, e *A Tormenta*, de Vera Randazzo. Para analisar estas memórias de velhos, parte-se da distinção dos tipos de memórias bem como de suas reconfigurações pelos narradores, a partir de suas diferenças e proximidades. Assim, são bases teóricas, desse estudo, as obras *Memória e Sociedade*, de Ecléa Bosi, e *Memória Coletiva*, de Maurice Halbwachs. Nota-se que as memórias enunciadas em ambas as narrativas trazem um tom de sofrimento desencadeado pela morte de um ente amado; no entanto, o afastamento temporal denuncia experiências distintas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura; Narrativa; Memória; Vera Randazzo; Osman Lins.

**ABSTRACT:** This article venture to present the result of a concise study of the memories of the protagonists at the stage of old age in short history *Elegíada* of Osman Lins and *A Tormenta* of Vera Randazzo. To analyze these memories of old part is the distinction of the types of memories and their reconfigurations by narrators from their differences and close. So are theoretical bases of this study the work *Memória e Sociedade* of Ecléa Bosi and *Memória Coletiva* of Maurice Halbwachs. Note that the memories contained in both narratives bring a suffering tone triggered by the death of a loved one however the temporal distance denounces different experiences.

**KEYWORDS:** Literature; Narrative; Memory; Vera Randazzo; Osman Lins.

---

<sup>1</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários na Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, CEP: 78300-000, Tangará da Serra - MT, Brasil. E-mail: baby\_mt1989@hotmail.com, sobre a orientação de Walnice Vilalva. E-mail: walnicev@gmail.com.





---

Esta breve pesquisa tenta analisar o discurso memorialístico dos velhos narradores nos contos *Elegíada*, de Osman Lins, e *A Tormenta*, de Vera Randazzo, privilegiando a voz de ambos, partindo das suas semelhanças à dessemelhanças, destacando o dialogismo que se estabelece, ora aproximando-os, ora distanciando-os.

Ambos os contos são histórias curtas que se estruturam com poucas personagens, apresentando a morte como ideia central e duas temáticas: a perda do grande amor e a solidão posterior. Há que se notar que o conto *A Tormenta* tem como protagonista Antonieta, já o conto *Elegíada*, o narrador que também se configura protagonista (narrador-protagonista) não é nomeado; assim, o trataremos por narrador-protagonista.

A seleção dos contos se justifica, sobretudo, pela semelhança tanto dos títulos quanto da temática de ambas as obras: a palavra **elegíada**, conforme o dicionário Houaiss (2001), é relativo à elegia, representa uma tristeza profunda ou uma lástima por uma perda irreparável; e, o termo **tormenta** significa uma espécie de agitação que se refere a uma amargura ou sofrimento. Os nomes dos dois contos se aproximam no significado, de modo que tormenta e elegíada podem ser interpretadas como uma representação da melancolia, que também é expressa pela experiência dos protagonistas nas narrativas.

### **Reminiscências mnêmicas**

Desde sempre, os seres humanos recordam acontecimentos do passado, eventos que os transportam para outros tempos com outras realidades. Há lembranças que nunca são esquecidas, e existem aquelas as quais preferimos deixar perdidas nos fios do pensamento. Desta forma, as





---

recordações são essenciais para a tranquilidade do corpo e do espírito humano.

O homem maduro tem uma facilidade maior em falar mais daquilo que já viveu, do que daquilo que pretende viver. Pelo simples fato do passado ser cercado de acontecimentos, já que o tempo vivido remete-se sempre ao passado, numa linha condutora de percepção e emoção e continuidade. O ato de lembrar vem para preencher uma necessidade humana. Falar dos planos da vida futura, compete ao jovem, cuja vida está apenas começando, assim como lembrar compete ao velho.

Todas as lembranças ficam guardadas no cérebro humano. O cérebro, segundo o dicionário Houaiss (2001), é o órgão dos sentimentos, da imaginação e da memória. A memória em um sentido mais genérico é a faculdade de guardar e recordar fatos. Para falar de memória, teoricamente, é necessário ir ao conceito como forma decisiva para melhor compreendê-la.

Recorre-se, primeiramente, ao sociólogo Maurice Halbwachs. Em sua obra *Memória Coletiva* (2006), ele apresenta a memória como o ato de trazer “testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação.” (HALBWACHS, 2006, p. 29).

O historiador Jacques Lee Goff, em *História e Memória* (1990), enriquece a teoria da memória ao explicar que a “propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.” (LEE GOFF, 1990, p. 423).

Percebe-se que ambos, Halbwachs (2006) e Lee Goff (1990), conceituam a memória de forma semelhante, afirmando que ela surge através de dados guardados no cérebro que se busca no tempo que já passou. Assim, ela é importantíssima como forma de conservação, de emoção, de





---

experiência. Isso ocorre nos contos: representação da memória, da experiência humana, (num contingenciamento de uma vida inteira) em forma de narrativa curta. E, não menos relevante, o efeito estético do passado, da melancolia, no conto brasileiro.

Os narradores do conto *Elegiada*, de Osman Lins (2003), e *A Tormenta*, de Vera Randazzo (2001), recorrem à memória, mas de forma distinta para contarem suas histórias. Essas recordações são de grande importância para esses narradores e protagonistas, pois sem elas não haveria história. É através da memória, pelas lembranças, que se testemunha algo do participado, ouvido ou apenas visto; assim, tanto *Elegiada* quanto *A Tormenta* são narrativas memorialísticas, constituídas a partir de uma subjetividade do “eu”: “uma lembrança minha.” (LINS 2003, p. 60). E mesmo quando se recorre a uma terceira pessoa, forjando distanciamento do vivido, é assim: “Antonietta relembra o passado.” (RANDAZZO 2001, p. 242). Ambos os textos falam de experiências, de acontecimentos do tempo passado longínquo.

De acordo com Halbwachs (2006, p. 29), “o primeiro testemunho a que podemos recorrer será sempre o nosso [...] é uma espécie de testemunho que vem depor sobre o que viu”. Na aventura de recordar as histórias, os dois narradores, dos contos já citados, recorreram, primeiramente, às suas memórias e são estes testemunhos que funcionam como um meio de afirmação na narrativa. Porém, cada narrador expressa particularidade no ato de lembrar. O narrador-protagonista do conto *Elegiada* recorre apenas à sua memória, não adiciona as lembranças de outras personagens. Já no conto *A Tormenta*, o narrador recorre às reminiscências da protagonista Antonietta. Nesse caso, existe uma harmonia muito grande entre o depoimento do narrador e o da personagem principal. Essa sintonia projeta um efeito de verdade sobre ao passado representado. Quando se recorre ao outro, como





---

salienta Halbwachs, para lembrar os fatos, a harmonia se faz necessária para que se tenha conexão entre os episódios contados.

O ato de lembrar não acontece pelo acaso. Para lembrar é necessário o reconhecimento de uma imagem, segundo Halbwachs (2006, p. 55), a recordação vem motivada quando o indivíduo reconhece uma imagem, podendo esta ser “vista ou evocada”. Ela é ligada à imagem de um objeto ou a outras imagens “que formam com elas um conjunto e uma espécie de quadro” (p. 55). O quadro que se forma, reencontra-se com sentimentos e pensamentos que se traduz em lembranças que correspondem a um acontecimento no tempo ou a momentos do passado. “A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagem-lembrança.” (BOSI, 1994 p. 53). A evocação de um acontecido que projeta a imagem-lembrança pode acontecer a partir dos cinco sentidos: audição, tato, olfato, visão e paladar.

A imagem-lembrança, no conto *A Tormenta*, que faz Antonieta lembrar o amado é uma tempestade uma tormenta como fez há mais de vinte anos é a figura do temporal que motiva a protagonista a lembrar de seu finado esposo. No conto de *Elegiada* a imagem que faz o protagonista recordar a amada, é sua imagem morta no caixão: “vejo tuas mãos cruzadas [...] me dói tua frieza de morta.” (LINS, 2003, p. 57). Esta imagem reproduz no narrador-protagonista as lembranças da amada em vida. Nos dois contos, são semelhantes a motivação que possibilita recordar a amada, ou seja, vem pela visão de uma imagem, porém essas imagens evocadas são de eventos desiguais. Na obra *Memória e Sociedade*, de Ecléa Bosi (1994), que analisa o estudo do filósofo Henri Bergson, existe a classificação da memória como dois tipos: “memória-hábito” e “memória-lembrança”. Memória-hábito é aquela que está ligada com os hábitos cotidianos, desde o vestuário até os hábitos de higiene. É o que toda sociedade faz como costume, são as





---

lembranças que fazem parte de nosso “adestramento cultural”. Nela, é o corpo que “guarda esquema de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas” (BOSI, 1994, p. 48). Memória-lembrança é a lembrança que está vinculada à experiência de cada um, de uma percepção da própria vida, de um discurso de subjetividade; por isso, ela nunca será neutra.

As lembranças narradas em *Elegíada* e *A Tormenta* são classificadas como memória lembrança, como aponta o narrador-protagonista da primeira: “eu te via, sem nada de especial.” (LINS, 2003, p. 58); e o narrador onisciente da segunda: “relembra o passado e cada palavra, cada gesto de outrora.” (RANDAZZO, 2001, p. 242). Essas memórias-lembranças de ambos são as recordações puras que trazem à tona “da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível, da vida.” (BOSI, 1994, p. 48). O narrador-protagonista de *Elegíada* se lembra de um momento mágico, antes do casamento em que viu sua amada vestida de noiva pela primeira vez, “quando te vi, poucos antes da cerimônia, em teu traje de noiva.” (LINS, 2003, p. 60). Este momento fica para sempre como lembrança e representa a união eterna. Já Antonieta se lembra do dia em que conheceu seu amado, momento cheio de emoção: “vê o momento em que um jovem, alto e de olhos escuros num rosto um tanto magro.” (RANDAZZO, 2001, p. 242). Nesse instante nasce um amor forte e também eterno, pois anos depois ela recorda com saudade.

As memórias dos dois protagonistas se dão de forma evocativa, isto é, a manifestação ocorre por via da reminiscência. Esses episódios jamais se repetirão, pois são momentos únicos de cada um. As emoções podem até se repetirem, mas em momentos e formas diferentes. Percebe-se que os fatos são diferentes, mas a emoção é a mesma: um momento inaugural e único.

As narrativas memorialísticas, em *Elegíada* e *A Tormenta*, possuem coerência com as experiências narradas, sendo sempre o protagonista o ponto





---

de partida dessas experiências, que são manifestas fortemente pela recorrência, repetição do ato de lembrar a mesma experiência e, sobretudo, pela dor e sofrimentos demonstrados pelos dois narradores. Essas lembranças são identificadas como duas faculdades das muitas que possui a memória: a individual e a coletiva.

A memória individual é um

ponto de vista sobre a memória coletiva [...] este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupa e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com os outros ambientes. (HALBWACHS, 2006, p. 69).

Os contos analisados possuem reflexões individuais, guardadas dentro de cada narrador, seguindo o ponto de vista de uma determinada personagem. Dessa forma, em cada uma das histórias narradas há uma consciência individual. Assim, considera-se que as histórias poderiam ter eventos visualizados de forma diferente se fosse contada a partir do ponto de vista de outras personagens. Halbwachs (2006) ainda explica que existe a impossibilidade de duas personagens terem os mesmos pontos de vistas, pois elas podem ter traços semelhantes, mas não idênticos, já que cada uma é única. Então, cada qual tem a sua forma de percepção.

O que recria as lembranças é algo chamado de intuição sensível, e esta intuição considera apenas o psicológico de quem conta; porém, essas memórias não são mecanismos fechados ou isolados a uma única pessoa que narra, pois, no geral, tais lembranças pertenceram a outras pessoas para que existissem, ou seja, pertenceram aos pares românticos de cada protagonista.

Maurice Halbwachs (2006) explica que não há uma memória única do ser, o que se tem é a memória do grupo ou memória coletiva. No conto *Elegíada* há um grupo, formado pelo o narrador-protagonista, a esposa morta,





---

os netos, os filhos e os participantes do velório. No conto *A Tormenta*, o grupo é formado pelo narrador, Antonieta, seu pai e o piloto, que é seu amado. Essas memórias coletivas sugerem pluralidade. Assim, as lembranças que os narradores apresentam possuem essa coletividade, pois seus protagonistas se relacionam diretamente com outras personagens. No caso de *Elegíada*, o protagonista exerce também o papel de narrador. Isso se dá porque a memória coletiva é um passado vivido ou presenciado por outros, e os contos apresentam esta relação de proximidade ao mesmo tempo em que a perspectiva é única: a do protagonista.

É muito comum acreditar em uma faculdade memorialista totalmente individual; porém, Halbwachs (2006) explica que constantemente a reintegração de um passado está sempre acompanhada de um tempo e um espaço que são divididos com outras personagens que só possuem sentido se os mesmos estiverem relacionados.

As revelações memorialísticas feitas pelos narradores de *Elegíada* e *A Tormenta* só são possíveis graças aos dados e convicções análogas apresentadas e são estas que vão ao encontro com o espírito individual do narrador e das personagens, alinhavando o ato de recordar. Por isso, essa recordação precisa ser construída em bases comuns a ambos, narradores e personagens. A memória precisa estar firmada e ligada a uma base consistente e essas bases só existem quando a lembrança pertence a um ser social. As memórias de Antonieta, configurada por um narrador em terceira pessoa, e as memórias do narrador-protagonista de *Elegíada* são narradas em primeira pessoa. Esses dois protagonistas e narradores são definidos como seres sociais.

Halbwachs (2006) explica que o ser social se manifesta pela importância do narrado, ou seja, as situações recordadas só são lembradas quando assumem no espírito do narrador um grande valor para que ele possa





---

converter tal acontecimento em palavras, por isso que a temática narrada por ambos os contos é um episódio de grande seriedade, pois corresponde à perda da pessoa amada. Antonieta se lembra da morte do marido “quando o pequeno avião despedaçou-se na serra do Tombador.” (RANDAZZO, 2001, p. 244); o narrador-protagonista, por sua vez, vê a sua amada morta: “vejo tuas mãos cruzadas, o lençol que te cobre, tuas feições tranquilas.” (LINS, 2003, p.57). Tem-se uma proximidade pela dor da morte do par romântico nos dois contos, pois, se conformam em eventos de sofrimento.

O passado dos protagonistas, em ambos os contos, abrange dois tipos de acontecimentos. Halbwachs (2006, p. 66), explica que há “os que podemos evocar quando desejamos e os que [...] não atendem ao [...] apelo”. Os acontecimentos narrados pertencem ao primeiro tipo, pois as lembranças estão relacionadas a acontecimentos com os quais os protagonistas têm maior familiaridade, podendo ser recordado com maior facilidade e a qualquer momento que desejar. Falar da perda da pessoa amada parece fácil ao mesmo tempo em que implica em grau de complexidade, pela proximidade e tensão afetiva. As lembranças parecem de fácil acesso, às vezes, vindo até inconscientemente.

A reconstrução do passado em *Elegiada* e *A Tormenta* são feitas com dados emprestados ao presente e esses passados são reconstruídos através da representação na forma de narrativas curtas, condensadas.

O tempo essencial das memórias narradas é o presente. Os narradores são situados no tempo presente para narrar acontecimentos de outrora. Há, então, uma inter-relação entre o passado e o presente, pois nos dois contos seus narradores se situam no presente, narrando acontecimentos de um passado sempre muito distante: “Antonieta relembra o passado e cada palavra.” (RANDAZZO, 2001, p. 242); “me lembro como teus olhos brilhavam e como teu riso era alegre.” (LINS, 2003, p. 60).





---

Pode-se perceber que o presente é o ponto de partida da memória, pois é a situação do presente, segundo Bosi (1994), que faz o ser humano lembrar algo que já passou. O que se diferencia neste tempo é a duração, a dialética da duração dessas memórias contadas que, em muitos momentos, parece ser longa demais e em outros, curta demais. Ela existe na medida em que se faz conteúdo, ou seja, quando é oferecida ao pensamento como matéria de acontecimentos novamente vivenciados.

Nos dois contos, visualiza-se essa dialética, porém a duração se diferencia. No conto *Elegíada*, seu protagonista lembra vários acontecimentos em que a amada é o elemento principal “quase todos os dias cuidavas da casa.” (LINS, 2003, p. 58); “nosso casamento” (LINS, 2003, p. 60); “teu primeiro parto.” (LINS 2003, p. 60). As lembranças, desenhadas sem detalhes, aparentam ser lembranças curtas aos olhos do narrador. O conto *A Tormenta*, por sua vez, expressa as lembranças de Antonieta com muitos detalhes, lembra-se de momentos, como o namoro do “rapaz, que era jovem e belo [...] acariciou-lhe as mãos.” (RANDAZZO, 2001, p. 242). Nas noites de amor, “ele a beijava loucamente e sua lua de mel não tinha fim.” (RANDAZZO, 2001, p. 243). Das brigas que tiveram decorrente das crises de ciúmes de Antonieta: “ela, com uma fúria [...] acusou-o aos gritos.” (RANDAZZO, 2001, p. 243). E o acidente que matou seu amado “o avião despedaçou-se na serra [...] dentro do crepúsculo chuvoso.” (RANDAZZO, 2001, p. 244). Mesmo se tratando de narrativa curta, cria o efeito estético cuja duração dos eventos está filiada a percepção do presente pela riqueza de detalhes.

Halbwachs (2006) explica que a sucessão temporal, ou seja, a durabilidade das lembranças, é estabelecida pela sociedade, pois se encaixa em fenômenos naturais do qual o ser humano não tem poder algum. Dessa maneira, a duração do tempo resulta de costumes e convenções que já estão





---

formuladas. No conto *Elegíada*, percebe-se este fenômeno social por se tratar de um velório “mais algumas horas e nossos conhecidos te levarão para o Campo.” (LINS, 2003, p.56). O evento narrado é um sepultamento que possui hora marcada. Já no conto *A Tormenta*, Antonieta não sente a mesma aceleração na sucessão temporal como acontece com o narrador de *Elegíada*, pois não tem nenhuma obrigação com hora marcada. Ela simplesmente relembra sem compromissos posteriores: “lá fora uma tormenta próxima [...] olha longamente para as nuvens cinzentas.” (RANDAZZO, 2001, p. 244).

Essa ilusão temporal, que está vinculada a uma dialética da duração, ocorre pelo fato de que os acontecimentos da vida passam em ritmos diferentes, alguns mais rápidos do que outros. Isso acontece porque é a percepção dos acontecimentos no presente que dividem o tempo (do passado). São estas palavras que promovem o tempo do passado, que só irá adquirir consistência no presente.

### **Histórias da velhice**

Assim como a figura do velho sempre esteve presente na sociedade, não seria diferente na literatura. Nas narrativas literárias, a imagem do ser idoso pode aparecer de muitas formas, podendo ele ocupar o lugar de protagonista, personagem ou narrador.

As recordações presentes em ambos os contos estudados são relatos de lembranças distantes em que seus protagonistas estão vivendo a fase da velhice. Em *A Tormenta*, “Antonieta descruza as mãos enrugadas.” (RANDAZZO, 2001, p. 244). O narrador-protagonista de *Elegíada* se considera um velho na sua realidade presente: “eu estou velho.” (LINS, 2003, p. 56). A velhice de ambos é velada pela solidão, são protagonistas solitários. Antonieta não tem suas lembranças interrompidas em nenhum momento e





---

aparenta não ter a companhia de ninguém. O protagonista de *Elegíada* fala do fato de estar só, mesmo cercado pela sua família e amigos.

Aos olhos dos mais jovens, a fase da vida em que ambos protagonistas se encontram nos contos corresponde a um período cheio de atraso e declínio que antecipa a morte: a velhice. Isso se justifica porque os termos **velho** e **velhice** estão repletos de significados como a impaciência, fragilidade e angústia, que oprime os que assim são classificados. Porém, um olhar menos depreciativo para a figura de ambos, velhos protagonistas, mostra que eles são como fonte inesgotável de cultura do passado, pois são eles personagens conservadores do passado e organizadores do tempo presente. Sem as histórias desses velhos, seria impossível conhecer o passado e o presente vivido. Assim, passado e presente se tornam presentes nos dois contos pela figura do velho.

Os significados opressores, resultantes de um sistema capitalista, indicam que a fase da velhice se tornou a menos desejada, por ser considerada, por muitos, como um tempo de improdutividade, sendo o velho um ser inútil que não possui função alguma. Entretanto, o velho já possuiu uma importância muito grande na sociedade, sua missão era de lembrar e aconselhar, ensinar, os mais jovens, por meio das suas narrativas exemplares das experiências de vida.

Assim, a memória, segundo Bosi (1994, p. 47), “dispõe da totalidade da [...] experiência” que os velhos possuem e os jovens não. Nas duas histórias, tanto *Elegíada* quanto *A Tormenta*, seus narradores lembram um passado e uma experiência vivida - a perda da pessoa amada - e “aconselham seus leitores” sobre a solidão posterior a esta perda do par romântico.

As lembranças dos velhos são construídas, de acordo com o pensamento de Bosi (1994), por eventos bem mais marcantes do que a memória de um jovem, já que o sentido evocativo do velho difere do adulto.





---

A hora da evocação das memórias para o velho é um momento de repouso, de relaxamento da alma. A velhice se ocupa longamente dos acontecimentos do passado, pois as coisas do presente parecem interessar menos; normalmente são acontecimentos carregados de monotonia. Para o adulto, o momento evocativo funciona como uma fuga da vida presente, e isso não é interpretado como algo bom, pois o presente é vivido com maior rapidez e não se pode perder tempo.

Os protagonistas dos contos analisados ao lembrarem os eventos narrados exercem a mesma posição de repouso do velho, pois ambos se interessam mais pelo passado do que pelo presente. Os protagonistas de *Elegíada* e *A Tormenta* se encontram em um momento no qual a alma relaxa e descansa. Eles são transportados a momentos que já viveram, ou seja, vão ao encontro de passado distante.

Bosi (1994) explica, também, sobre o posicionamento dos idosos diante de muitos grupos sociais. Segundo o autor, os velhos fazem parte de um grupo de pessoas que não age ativamente. Eles são vistos como membros inativos que não representam o desenvolvimento e o avanço de outros tempos na vida presente que estão inseridos. Por este motivo, resta a esses velhos inativos uma função própria: a de lembrar. E lembrar para a pessoa idosa não é apenas reviver, “mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado.” (BOSI, 1994 p. 55). A memória é reenviada para a grandeza de um trabalho reflexivo no tempo e sobre ele. O ato de recordar aponta para o idoso uma nova possibilidade de vida, fazendo-o trabalhar para lembrar; assim, o velho deixa de ocupar o lugar de oprimido, passando a colaborar com a sociedade. Desempenha a tarefa de buscar lembranças no passado tornando-se uma figura trabalhosa e ativa em plena velhice.





---

Os dois velhos, Antonieta e o narrador-protagonista, são considerados trabalhadores que fazem reflexões sobre o tempo presente e trazem as lembranças, produzindo assim, suas memórias-lembranças. Ambos tiveram uma difícil tarefa: a de buscar acontecimentos que viveram com seus pares e recobrar um tempo bem remoto do presente.

O trabalho de lembrar, que nos contos é endereçada ao idoso, remete-nos às tribos primitivas, onde essa faculdade lhe era uma “obrigação social”. Segundo Bosi (1994, p. 63), esta espécie singular de obrigação “de lembrar” acontecia antigamente, pois eram os anciões os guardiões das tradições. Nas sociedades modernas, o velho é apenas estimado, pelo fato de estes terem muitas experiências e estarem carregados de lembranças. No entanto, nem toda sociedade exige que os velhos exerçam esta função.

As recordações evocativas dos velhos são sempre narrativas que contam, de acordo com Bosi (1994, p. 82), experiências profundas. Essas são lembradas e repassadas com tristeza e revolta, tendo assim, uma submissão ao destino que pode ser desde a desfiguração de algo ou mesmo a “desaparição de entes amados”.

A maior experiência vivida, narrada além da morte da pessoa amada nos contos, é o sentimento de amor que os protagonistas tinham por seus pares. O narrador de *A Tormenta* diz com clareza que ambos se amavam: “ela o amava [...] ele também a amava”, porém havia também o ciúme “Antonieta tinha tempo de sobra para sentir ciúmes.” (RANDAZZO, 2001, p. 243). Foram estes dois sentimentos lançados, amor e ciúme, que deram força para uma experiência profunda cheia de tristeza que foi a perda do seu amado, morrendo ainda jovem por causa de uma briga motivada pelo ciúme da esposa que “nunca mais o viu.” (RANDAZZO, 2001, p. 244).

No conto *Elegiada*, o narrador-protagonista se assemelha ao narrador de *A Tormenta* quando fala do amor que sentia um pelo outro: “um extremo





---

amor nisso tudo.” (LINS, 2003, p. 58). Diferente do outro conto, aqui não há a presença do ciúme, ele não é o motivador da morte e nem de conflitos, sendo, portanto, semelhante apenas o amor recíproco de ambos os casais. A experiência profunda do narrador-protagonista é a morte que já aconteceu, e o que é vivido e narrado no presente é o velório de sua esposa também velha “e agora, um duro silêncio te envolve e imobiliza.” (LINS, 2003, p. 57). Em decorrência disso, nesses dois contos, o que mais se assemelha é a experiência profunda narrada, ou seja, os contos dialogam quando os dois velhos protagonistas lembram-se da perda do seu grande amor.

As narrativas que têm o privilégio de historiar as memórias na fase da velhice possuem a missão de contar dos velhos “seus desencontros, suas falhas e lacunas.” (BOSI, 1994, p. 85). E são esses desencontros, falhas e lacunas que colocam os protagonistas dessas recordações em uma vida repleta de arrependimento e solidão. O narrador-protagonista de *Elegíada*, logo no início de sua narrativa, deixa bem claro esta solidão: “agora eu estou só [...] muito só, abandonado.” (LINS, 2003, p. 56). Ele se sente sozinho e apresenta na sua fala, ao leitor, a falta imensa da sua amada agora morta: “eu estou delirando [...] com tanta saudade.” (LINS, 2003, p. 59). Antonieta também se encontra na mesma situação de isolamento, no momento de lembrar seu passado.

Além da solidão, Antonieta convive com a culpa, “lembrava num estremecimento [...] sabia que a dor ela carregaria para sempre.” (RANDAZZO, 2001, p. 244). Ela se sente responsável pela morte do marido: “ela sabia o que o tinha levado a sair com tanta insensatez.” (RANDAZZO, 2001, p. 244). A narrativa produz o efeito de reformulação e de conformação do arrependimento, da culpa: “ela sabe que devia escutá-lo e acreditar nele.” (RANDAZZO, 2001, p. 243).





---

A solidão se torna presente nas duas narrativas. Em *Elegíada*, o narrador-protagonista traz um sentimento de solidão com a morte da amada; já em *A Tormenta*, a solidão vem acompanhada de remorso, provocando determinado desequilíbrio na protagonista, fruto de sua lucidez, tendo em vista que Antonieta tinha consciência da motivação da morte de seu marido.

### Considerações finais

A comparação desses dois contos foi possível, porque além de apresentar uma narração com temática semelhante (a perda da pessoa amada), remetem, também, à transição de dois tempos: o passado e presente. Em ambos os contos, a narrativa parte de uma percepção no presente sobre os fatos pertencentes ao passado dos dois protagonistas. Tanto Vera Randazzo quanto Osman Lins adotam o discurso memorialístico para fundar suas narrativas. Desse modo, os dois contos analisados exibem narradores a apelarem para as lembranças dos protagonistas com o intuito de contar tais histórias. Uma diferença evidente entre essas duas narrativas é a reconfiguração da memória. No conto *A Tormenta*, o narrador recorre as suas memórias e também faz uso das lembranças da protagonista. Antonieta funciona como testemunha de seus próprios eventos; já em *Elegíada*, tem-se um narrador-protagonista que conta e confirma suas memórias com suas próprias recordações. As memórias apresentadas nos contos são classificadas como memórias-lembranças e essas são motivadas por imagens diferenciadas: o narrador-protagonista de *Elegíada* vê a amada morta em seu caixão, e Antonieta, de *A Tormenta*, presencia uma tempestade semelhante a outra de vinte anos atrás. São imagens evocadas por um único sentido, igual nas duas narrativas: a visão.

Os contos partem da reflexão individual de cada narrador, chegando a uma memória dos protagonistas que pertence ao grupo apresentado em cada





---

conto. As duas narrativas apresentam um grupo de personagens e essa pluralidade de personagens permite que os narradores tenham uma história coerente. Semelhantemente, as duas recordações são chamadas de memórias coletivas, devido aos dois acontecimentos serem vivenciados pelos protagonistas, e, presenciado pelas demais personagens.

A lembrança dos dois protagonistas são memórias de velhos. Eles se encontram em plena velhice e conseguem surpreender os leitores pela sua riqueza, visto que trazem à tona um tempo passado, juntamente com suas histórias. As experiências profundas narradas nos dois contos conversam, já que ambos os velhos lembram a perda da pessoa amada, em decorrência de abarcarem a temática da morte. E são essas memórias cheias de tristezas que fazem os protagonistas se colocarem em profundo estado de solidão. Analisar os contos *Elegiada* e *A Tormenta* é dar existência às lembranças dos protagonistas, pois as memórias são revisitadas e se tornam objetos possíveis de estudo.

### Referências

- BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**: Ensaio Sobre a Relação do Corpo Com o Espírito. Trad. Paulo Neves. 4. Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. 3. Ed. São Paulo: Companhia de Letras, 1994.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão. Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 1990.





---

LINS, Osman. **Melhores Contos Osman Lins**. (Seleção e Prefácio de Sandra Nitrini). São Paulo: Global, 2003.

RANDAZZO, Vera Yolanda. Crônicas e contos. In. CARVALHO, C.G. e VILALVA, W. (org.). **Vozes femininas**. Vol. 6. Cuiabá: Academia Matogrossense de Letras e UNEMAT. 2008.

